

**VELOZ  
COMO  
O VENTO**

Copyright © 2024

por Leonardo Guzzo

Título original: *Beco. Vita in romanzo di Ayrton Senna.*

Todos os direitos desta publicação reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA.

#### **Diretor-executivo**

Guther Faggion

#### **Editora-executiva**

Renata Sturm

#### **Diretor Comercial**

Nilson Roberto da Silva

#### **Editor**

Pedro Aranha

#### **Preparação**

João Francisco

#### **Revisão**

Giovanna Barsotti

#### **Marketing e Comunicação**

Rafaela Blanco, Matheus da Costa

#### **Diagramação**

Matheus da Costa

#### **Direção de Arte**

Rafael Bersi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

Arc, Rodrigo Del

Veloz como o vento : a vida de Ayrton Senna em romance / Leonardo Guzzo ; tradução de Rodrigo Del Arc. -- São Paulo : Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda, 2024.

160 p.

ISBN 978-85-94484-24-6

Título original: *Beco. Vita in romanzo di Ayrton Senna*

1. Literatura italiana 2. Senna, Ayrton, 1960-1994 3. Automobilismo - Brasil I. Título

24-0510

CDD-853

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura italiana

**maquinaria**  
EDITORIAL

Rua Pedro de Toledo, 129 - Sala 104  
Vila Clementino - São Paulo - SP, CEP: 04039-030  
[www.mqnr.com.br](http://www.mqnr.com.br)

**VELOZ  
COMO  
O VENTO**

*A vida de  
Ayrton Senna  
em romance*

**LEONARDO GUZZO**

**mqr**

*Tradutor: Rodrigo Del Arc*



Ao Angelo, Anna e Mariano.

**AO  
LEITOR  
BRASILEIRO**

**A**yrton Senna pertence ao Brasil. Isso é demonstrado pelo grito fervoroso e interminável com que comemorou sua primeira vitória no Grande Prêmio em sua casa, Interlagos, em 1991.

Isso é demonstrado, ainda mais, pela escolha de reproduzir em seu capacete as cores da bandeira brasileira: verde, amarelo, azul — mas em proporções invertidas. O capacete de Senna era amarelo e coberto por duas listras: uma verde e outra azul. Foi a sua homenagem ao país que tanto amava e que tinha orgulho de representar; mas foi, ao mesmo tempo, a forma de criar uma bandeira pessoal e reconhecível, de se considerar uma nação em si, amada em toda a parte por milhões de pessoas.

Ayrton Senna também pertence ao mundo. Amavam-no em todos os lados, porque era um vencedor, porque era atraente e possuía um carisma natural, que não necessitava de esforço nem de excessos para ser transmitido.

Eles o amavam por personalidade. Porque não se contentava em controlar as corridas, em somar os pontos necessários para vencer o mundial: queria vencer sempre. Era como se a cada largada ele colocasse tudo o que tinha em risco, apenas para recuperá-lo após a bandeira quadriculada.

Por isso era amado pelos ousados, pelos tímidos — que queriam ser ousados —, pelos que sonhavam com a redenção e todos aqueles que diariamente se equilibravam na corda bamba, que faziam magia para sobreviver.

A Itália estava no destino de Senna. A família de sua mãe veio da Itália, cujo sobrenome ele escolheu; na Itália, ele correu de kart e completou parte de seu aprendizado na Fórmula 1. Por uma reviravolta do destino, Ayrton morreu na Itália, na sexta volta do Grande Prêmio de San



Marino, no circuito de Ímola, na curva Tamburello, onde hoje uma estátua de bronze o homenageia.

Como torcedor italiano do Senna, sinto isso como uma circunstância que cria um vínculo especial, que acarreta uma espécie de responsabilidade. Ouvir um médico do hospital de Bolonha dizer em italiano: “O coração de Senna parou de bater” é um sentimento que jamais será esquecido.

Empenhei-me na ideia de descrever Senna como um herói da antiguidade, como um personagem de Homero, à tradição italiana, ao legado da cultura clássica.

Sempre olho para Senna com meus olhos de menino e enxergo outro menino. Não simplesmente alguém que correu e venceu. Muito mais: alguém que cultivou o sonho de ser o mais veloz e tentou manter o mundo dentro disso.

# PRÓLOGO

Vencedor de quarenta e uma  
corridas, três vezes campeão mundial,  
ídolo de milhões...

Talento, requisito fundamental para roubar o fogo dos deuses. Habilidade divina e atrevimento humano, daqueles que observam o fogo e invejam as estrelas. É preciso vencer tempestades, as de fora e as de dentro, transcender obstáculos, controlar as emoções e, acima de tudo, resistir aos extremos do calor e do frio nos lugares mais vertiginosos. É imprescindível ter fé no destino e em um deus que no fim terá o rosto de si mesmo, e sempre exercitar a destreza e a velocidade. Ecoar o atrito entre duas pedras, girar a engrenagem, derrapar a borracha dos pneus no asfalto.

Invariavelmente, alcança-se o instante em que os deuses se vingam com um toque de sarcasmo, acompanhado da temível inevitabilidade de uma lei decretada pelos céus. Não há escapatória, sem exceção.

Existem várias formas de contar a história de Ayrton Senna; e uma delas, talvez a mais adequada, é cantá-la. Podemos construir um mosaico ao redor dela, e não a fragmentar, não a elucidar, mas sentir seu perfume. Confiar a narrativa a amigos e amantes, companheiros, familiares e até mesmo ao próprio Senna, retratados como personagens literários. Dessa forma, situá-la em uma zona intermediária entre o registro e o romance, entre a precisão e a fantasia. No espaço clássico do mito.

Afinal, talvez, Ayrton Senna de fato tenha roubado o fogo dos deuses. Em trinta e quatro anos de vida (de 21 de março de 1960 a 1º de maio de 1994), construiu sonhos para os outros e para si mesmo. Em onze anos como piloto de Fórmula 1, vencedor de quarenta e uma corridas, três vezes campeão mundial, ídolo de milhões no Brasil e de muito mais pessoas mundo afora, queimou

energia na raiz dos impulsos e do ímpeto vital, no cerne da personalidade. Sofreu um destino talvez inevitável, que pede constante redenção. Morreu em um dia de sol esplêndido, quando nunca se deveria morrer.



E assim ele sabia viver. Aprisionado em um sentimento de solidão, em uma graça que não existia fora, exceto no vento, na série conturbada, na percepção de um além, no tempo cada vez mais curto que servia para alcançá-lo. E ultrapassá-lo.

# 1/24

O herói soltou um grito longo, agudo,  
sobre o rugido dos motores, por toda  
uma volta após a linha de chegada.



Homens de macacões laranja davam cambalhotas. Dos muros das arquibancadas subiu um grito altíssimo, um estrondo sacudindo a terra.

As arquibancadas, como as construções desordenadas empilhadas nos morros de São Paulo, pareciam abismos infernais. Um muro quase vertical, repleto de formigas que se aglomeravam nas grades, a agitação de uma imagem que parecia compacta, o turbilhão interno de uma nuvem. Homens simples se abraçavam, erguiam-se uns sobre os outros, amontoados, criando figuras acrobáticas — pirâmides, cachos, cada uva com valor de algumas centenas de reais. Cada homem naquele quadro valia o preço do ingresso. Nada mais existia na sua humanidade.

O ingresso e essa alegria suja, estéril, um contentamento pelo simples ato de se alegrar, devorado pelas mordidas insaciáveis da fome.

“Deus Ayrton”. Os homens de macacão laranja rolavam na grama perto das zebras,<sup>1</sup> ao longo do muro dos boxes, durante todo o trecho reto que levava à linha de chegada. Havia três dias que os chamavam de comissários e tinham estremecido — um enorme ato de contenção da satisfação — para fingir imparcialidade. Até a última volta, os músculos tremiam logo abaixo da pele: a um passo da evidência, sempre incerta, sempre revogável. “Ayrton perdeu as marchas”, corria de posto em posto ao longo de toda a pista. Por seis voltas ele estava apenas com a sexta marcha: alguém mais perto dos boxes o captou pelo rádio e contou aos outros. Como se anda só na sexta? Na sexta apenas, digo... O aroma de lenda se espalhou por todo o circuito.

---

1. É um jargão para os limites listrados da pista de corrida de Fórmula 1. (N.E.)

Depois, Senna na curva Ferradura, na variante, na entrada da parabólica, na passarela final. Eles o acompanharam como tantos saltimbancos,<sup>2</sup> bufões animadores do triunfo.

O herói soltou um grito longo, agudo, sobre o rugido dos motores, por toda uma volta após a linha de chegada. Gritavam em três, em quatro: piloto e criança, criança e carrinho, rapaz e kart, com o eco do Tchê.<sup>3</sup> Um grito histérico de quase cuspir a alma, reivindicar a glória, esculpir o louvor em uma camada profunda, depois do céu.

Então ele parou. Como um cetáceo, um colosso marinho enalhado. Exausto. Imóvel. Num clima irreal, de ironia amarga, os comissários e os médicos correram para ele; retiraram-no do *cockpit* como se transplantassem uma planta, com a delicadeza de preservar as folhas, as

---

2. Saltimbancos é o nome de uma peça italiana de teatro infantil, inspirada no conto "Os músicos de Bremen" dos irmãos Grimm, e narra a história de animais músicos que desejam a liberdade e a alegria. A versão brasileira foi adaptada por Chico Buarque. (N.E.)

3. Tchê, apelido de Lucio Pascual Gascón, foi preparador de karts de Ayrton Senna. (N.E.)

raízes. Retiraram as luvas dele para fazer a amarga descoberta de mãos lívidas, os músculos dos braços tensos em espasmo, que não conseguiam relaxar.

— Um nó na base do pescoço, bem no centro das costas — disse o massagista, a tensão de sessenta e cinco voltas mais seis de pura agonia transformada em um sinal físico, inflado em um vulcão de queimação.

— Calma, Ayrton — uma voz fora de campo repetia a ladainha. De um homem feliz, o qual ninguém conseguia identificar. Ron Dennis avançou com a aparência de um gigante e os olhinhos de um animal de rapina. Não cabia em si.

Senna, agora sobre as pernas, não o tocou. Um feixe de dor apenas adormecido, qualquer contato poderia feri-lo.

Um abraço de pai veio buscá-lo onde estava, naquele mesmo lugar vinte anos antes, áspero e familiar, quase nada diferente agora, com a ferrugem e a decomposição que surgiam sob a fachada.

Um aperto de pai quebrou a proibição — “não tocar” valia para qualquer outra pessoa —, construiu uma ponte

entre dois homens feitos de uma matéria singular, mesmo sangue, porém distantes, que nunca tinham sido, nem podiam ser, mais próximos do que isso.

Senna abriu a cortina do olhar. O véu triste, sarcástico, comedido, sonhador. Um sorriso ultramarino, fez que sim aos organizadores alinhados. Subiu a escadaria em direção ao pódio, os braços ao longo do corpo. Tentou levantar o troféu com um esforço teatral, desistiu pela dor, esticou o braço direito enfim, símbolo da vontade que vence. A taça para o céu, a ostentação.

Nenhum homem, dentro do circuito de Interlagos, dos milhões que choravam diante das televisões, pensou em aproveitar o silêncio — o silêncio que de repente envolvia o Brasil — para sair e pegar o pão. Sair, arrombar as vitrines e voltar entre os primeiros, os mais habilidosos, com os sacos de pão. Nada de pão, então, diante do maná do deus Ayrton. Era preciso fazer silêncio, então. Era preciso chorar, rezar, olhar para o céu.

**2/24**

Nada sabia do prazer e nada da chuva.

ela atingiu um ponto muito sensível. O olho esquerdo queimou e se fechou. Sentiu uma labareda de chama. Era, ironicamente, uma gota. Caiu de muito longe. Deus, sentado em uma nuvem, enviava-lhe a punição. Ele podia vê-lo, e Deus o via; ele o tinha visto mesmo quando se sentia terrivelmente sozinho e buscava consolo. Enquanto pagava, primeiro, e depois perdia a coisa mais preciosa que tinha desde que tinha consciência.

Arrepios.

Coisa ruim estar molhado... O asfalto escureceu em questão de minutos. O macacão encharcado grudado na pele pesava. Sentiu os pneus perdendo aderência, o volante ficando mais leve, a resposta distorcida das rodas.